

O Feno de Luz

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Nos finados celebra-se a memória de todos os que findaram. Eles chegaram ao fim do seu tempo. Por isso finados é um dia solene, consagrado à lembrança dos antepassados, dos ascendentes e de todos os nossos mortos. Este feriado é amplamente celebrado em todo o mundo. Os feriados são dias consagrados pelas sociedades à memória de algum evento. O País se consagra a meditar, a lembrar.

Os profanadores dessa data esquecem que tiveram ascendentes e antepassados. Perdem a memória e, sem querer, profanam a si mesmos. O pecado é uma queda em nossa existência. A gente se esquece do Céu, do Cosmos e do amor do Pai. Muita gente ignora que teve pai, mãe, avô, avó... Imagina-se só, começando em si mesmo, filho do nada, do vazio. Ora, os filhos do nada são sementes do caos. Se o pecado é um esquecimento, a graça de Deus é sempre a luz da nossa consciência.

O finar evoca o findar. Os finados foram ceifados no seu tempo. O feno é a erva ceifada e seca que serve de alimento aos animais em períodos de inverno ou seca. Na Bíblia, o homem é compara-

do à erva do campo. Finar e feno são palavras com a mesma origem. Feno vem do grego phaino e quer dizer brilhar, aparecer. Por isso a epifania evoca o Cristo como luz do alto que nos veio visitar. A reluzente lâmina da morte não apaga os finados, apenas os igualiza diante das leis da natureza.

A foice simboliza os ciclos das colheitas e da renovação. A colheita só se obtém cortando o caule, que, como um cordão umbilical, liga o fruto à dependência da terra alimentadora. A colheita é o grão condenado à morte para servir de alimento, sustentando a vida, ou para germinar como semente. Os mortos não se apagam. Sobretudo quando, durante a vida, cortaram com a foice da consciência as ilusões do mundo e seus próprios egoísmos. Seus exemplos os fazem brilhar, na lembrança dos que amaram e os amaram. Sua memória é um facho, um feixe de luz. Finados é dia de acender velas e de harmonia. A harmonia é um encontro de luzes vencendo as trevas e a escuridão.

No dia de finados é bom visitar os cemitérios, fazer um minuto de silêncio, medi-

tar... As crianças órfãs crescem com a memória viva de seus pais, mortos. Na velhice, todos se tornam órfãos. A ritualização da lembrança dos mortos é terapêutica. Os mortos são a presença de uma ausência e não ausência de uma presença. A prática desses ritos profanos e sagrados dão uma outra perspectiva ao tempo. Existe um tempo para tudo.

Os mortos no seio da Igreja saem da comunidade eclesial e entram na comunidade celestial. Saem de nossas mãos para serem acolhidos

pelas mãos misericordiosas do Pai e dos santos de Deus. Estão entregues em melhores mãos. Na morte e no sepultamento o cristão compartilha o páscoa do Cristo. Ao velar e enterrar seus mortos, os cristãos revivem a

sexta-feira e o sábado santo enquanto aguardam, com esperança, a glória do domingo da ressurreição.

Existe uma distância enorme entre nossa vida humana e nossa condição de filhos de Deus. Morremos como seres pecadores, mas na esperança de receber o perdão definitivo pelo amor do Pai. Por isso a Igreja reza, encomenda e intercede pela al-

ma dos seus defuntos. Ao celebrar os finados, Ela também anuncia a todos a vida eterna, sua fé na ressurreição e na misericórdia infinita de Deus. Os funerais cristãos são muito diferentes dos ritos profanos ou pagãos.

A sabedoria popular afirma o óbvio: uma das únicas certezas absolutas de nossa vida é a de morreremos. Só não morre quem não nasceu. Mas para o cristão, a eternidade começa aqui e agora, desabrocha na terna idade, por meio do batismo. Nossa vida não é uma ante-sala da morte. O passar dos anos anuncia o prometido a todos e para sempre: a evolução pessoal a cada ano novo, o reinício perpétuo, a morte e o renascimento nesta vida, sob a ação da Graça de Deus. Isso pode realizar-se em cada um, em nossos familiares e amigos. Para aquele que crê, o tempo pode ser um tempo de salvação, um tempo da Graça (kairós). Nele, Deus age para salvar os homens. Não se trata mais de viver somente a inevitável passagem do tempo (chronos), as idades e o envelhecimento. Em Deus nós podemos viver um tempo novo e em Cristo um tempo definitivo!

Evaristo Eduardo de Miranda é professor da USP e pesquisador da Embrapa, e autor do livro *Agora e na Hora - Ritos de Passagem à Eternidade* pelas Edições Loyola

**O feno é a erva
ceifada e seca.
Na Bíblia, o
homem é
comparado à
erva do campo**